

A MATERIALIZAÇÃO DO ENUNCIADO EM MÍDIAS DIGITAIS: O(S) FEMINISMO(S) HIPERTEXTUALIZADO(S) EM *POSTS* DE *FACEBOOK*

Filipe Santos GUERRA

Márcia Helena de Melo PEREIRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB

Resumo: Atualmente, a influência das tecnologias digitais leva a sociedade a discursivizar seus enunciados através do hipertexto (texto “plástico” que constrói sentido utilizando artifícios do ambiente digital). Tencionando descortinar os potenciais e as prerrogativas dessa nova configuração textual, este trabalho elegeu o *Facebook* como lócus de investigação e nele perscrutou o fenômeno da hipertextualização a partir de *posts* de páginas feministas. Para isso, baseou-se nos postulados de Bakhtin (2016) e Xavier (2009). Concluiu-se que o *Facebook* viabiliza a interação entre seus usuários disponibilizando recursos multimodais. Notou-se, ainda, que a mulher avançou na luta pela equidade de gênero, mas ainda há muito a ser dito e feito.

Palavras-Chave: Enunciação. Escrita. Facebook. Feminismo. Hipertextualização.

MATERIALIZATION OF UTTERANCE IN DIGITAL MEDIA: HYPERTEXTUALIZED FEMINISM(S) IN FACEBOOK POSTS

Abstract: Currently, the influence of digital technologies leads society to discursive its utterances through hypertext ("plastic" text that builds meaning using artifices from the digital environment). Intending to unveil the potentials and prerogatives of this new textual configuration, this work chose Facebook as the locus of investigation and in it examined the phenomenon of hypertextualization from feminist page posts. For this, the work was based on the postulates of Bakhtin (2016) and Xavier (2009). It was concluded that Facebook enables interaction between its users by making multimodal resources available. It was also noted that women have advanced in the struggle for gender equity, but there is still much to be said and done.

Keywords: Facebook. Feminism. Hypertextualization. Utterance. Writing.

MATERIALIZACIÓN DE ENUNCIADO EN MEDIOS DIGITALES: FEMINISMO(S) HIPERTEXTUALIZADO(S) EN PUBLICACIONES DE FACEBOOK

Resumen: Actualmente, la influencia de las tecnologías digitales lleva a la sociedad a discursar sus enunciados a través del hipertexto (texto "plástico" que construye significados a partir de artificios del entorno digital). Con la intención de desvelar las potencialidades y prerrogativas de esta nueva configuración textual, este trabajo eligió Facebook como el lugar de investigación y en él examinó el fenómeno de la hipertextualización a partir de publicaciones de páginas feministas. Para esto, se basó en los postulados de Bakhtin (2016) y Xavier (2009). Se concluyó que Facebook permite la interacción entre sus usuarios al poner a disposición recursos multimodales. También se señaló que las mujeres han avanzado en la lucha por la equidad de género, pero aún queda mucho por decir y hacer.

Palabras-clave: Enunciación. Escritura. Facebook. Feminismo. Hipertextualización.

INTRODUÇÃO

De acordo com a teoria enunciativo-discursiva sustentada por Mikhail Bakhtin e seu grupo de pensadores russos, que ficou conhecido como o Círculo de Bakhtin, o enunciado configura-se na interação social, e é exatamente essa característica que lhe concede o *status* de objeto de estudos da linguagem. Tendo isso em vista, discorrer acerca do enunciado é discorrer, também, acerca da interação verbal, do contexto em que ela se realiza e de suas relações dialógicas. Trocando em miúdos, para o Círculo, a ação de linguagem é manifestada na atividade de interação. Desse modo, os sujeitos são considerados agentes sociais e dialógicos, e a interação é tida como o *locus* da linguagem, onde ocorrem permutas de conhecimento/experiências. Essa concepção interacionista de linguagem entende que o discurso se explicita através de textos, os quais são organizados em gêneros discursivos, definidos por Bakhtin (2016) como "tipos relativamente estáveis de enunciados".

Desde o século XX, as premissas dessa corrente teórica têm embasado muitas pesquisas que versam sobre a materialização do(s) enunciado(s) em textos e, conseqüentemente, em gêneros discursivos. Entretanto, nos últimos anos, algo tem mudado a maneira através da qual nós compreendemos e fazemos uso dos textos: a tecnologia digital, que tem instituído à sociedade uma configuração textual sobre a qual os discursos estão se **hipertextualizando**. A respeito desse fenômeno, Xavier (2009) pontua que o **hipertexto**¹ é um sistema híbrido, flexível e dinâmico de linguagem, que dialoga e ajusta-se a outras áreas semióticas de interação,

¹ Em nosso artigo, quando tratamos de hipertexto, sempre estamos nos referindo ao hipertexto *on-line*.

adicionando, condicionando e acondicionando múltiplos modos de textualidade à sua superfície. O hipertexto mudou significativamente as maneiras de acessar as informações e, também, de entrecruzá-las, além de possibilitar, juntamente com a *internet* e as mídias digitais, a aparição de **gêneros digitais**.

Os gêneros digitais podem ser definidos, segundo Berto e Gonçalves (2011), como agrupamentos comunicacionais utilizados pelos sujeitos que têm contato e letramento digital suficiente para lidar com essas novas tecnologias a ponto de interagir com ela e viabilizar a movimentação de conteúdos informativos, objetivando e buscando a preservação e a criação de laços sociais.

Haja vista a contemporaneidade e a relevância desses assuntos, decidimos investigar o fenômeno da enunciação nas mídias sociais digitais, mais especificamente no *Facebook*. Nosso objetivo é analisar *posts* dessa rede social que versem sobre o(s) feminismo(s) e/ou sobre lutas feministas. Mais especificamente ainda, queremos averiguar quais recursos ofertados pela tecnologia digital são utilizados pelos usuários do *Facebook* em suas publicações para efetivar suas vontades discursivas² e seus objetivos interacionais dentro dessa temática.

Elegemos a rede social *Facebook* como ambiente de investigação pelo fato de esse *website* ser um dos mais complexos veículos de interação sociocomunicativa acessados por meio das mídias digitais. Já a escolha da(s) pauta(s) feminista(s) se deu por considerarmos, em conformidade com Adichie (2014), que há, ainda hoje, um grande problema de gênero a ser resolvido em nossa sociedade, sendo a discriminação contra a mulher, no Brasil, socialmente estruturada para favorecer os que detêm o poder político e econômico, isto é, os homens, como comenta Saffioti (1987). Além disso, concordamos que qualquer pessoa que acredita na igualdade política, econômica e social entre os sexos pode e deve tentar contribuir com a causa feminista. Não obstante, o *Facebook* é uma rede social de alto alcance e muitas são as discussões encontradas em *posts* do referido *website* sobre a temática em questão, o que nos proporciona um extenso *corpus* para análise.

² Para Bakhtin (2016), todo enunciado possui uma vontade discursiva, a qual se realiza através de gêneros do discurso, que são utilizados pelos sujeitos para alcançarem seus objetivos interacionais. A vontade discursiva vincula-se às práticas sócio-comunicativas vigentes, delinea a disposição esquemática do discurso e manipula/adequa a eleição do conteúdo e do estilo por parte dos sujeitos, os quais estão situados sócio-histórico-ideologicamente.

Diante do que foi elencado até o presente momento, para Xavier (2009), a Linguística ainda tem um trabalho a ser feito na área do hipertexto on-line. Se considerarmos que o ser humano é naturalmente interpretante, um certo conhecimento acerca das características idiossincráticas do hipertexto se faz necessário para que seja possível descortinar seu *know-how* e suas concretas prerrogativas à sociedade atual. Assim sendo, este artigo tenciona corroborar com o processo de inovação e renovação dos estudos da Linguística, mais especificamente da Linguística Textual, contribuindo com as discussões acerca do funcionamento do hipertexto. Essa hodierna tecnologia da linguagem, de acordo com Xavier (2009), à medida que encara os moldes de engendramento e recepção de textos historicamente estabelecidos, também apresenta outros caminhos para abordá-los e compreendê-los.

Para efetivar o trabalho que nos propomos a realizar, usaremos (não somente, mas principalmente) as premissas de Bakhtin (2016) acerca de gêneros discursivos e do dialogismo, de Gregol, Souza e Costa-Hübles (2020) acerca da verbo-visualidade textual, de Xavier (2009) acerca do hipertexto, de Correia e Moreira (2014) acerca da rede social *Facebook*, e de Mendes, Vaz e Carvalho (2015) acerca do(s) movimento(s) feminista(s). Dito isso, o texto que segue contém uma sucinta revisão de literatura a respeito da teoria enunciativo-discursiva bakhtiniana e dos (novos) usos e práticas da língua(gem) na contemporaneidade. Para além disso, apresentamos a rede social *Facebook*, nosso ambiente de pesquisa, e tratamos também do(s) movimento(s) (anti)feminista(s), campo político-ideológico no qual nosso *corpus* está ancorado. Posteriormente, são explicitados aspectos metodológicos da pesquisa e discussões acerca dos dados que compõem o nosso *corpus*. Por fim, são feitas considerações finais sobre o que o minudenciamento dos dados demonstrou a respeito dos abundantes e sortidos procedimentos hipertextuais utilizados na materialização do discurso na mídia digital *Facebook*.

1. A LINGUAGEM SOB O PRISMA DO CÍRCULO DE BAKHTIN: PREMISSAS DA TEORIA ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

Como defende Bakhtin (2016), os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados”, estando suas ocorrências sempre ligadas a determinado campo da atividade humana. Na visão do teórico e de seu Círculo, os gêneros do discurso são formados por três elementos, quais sejam: 1) a forma composicional (arquétipo de estruturação das partes do gênero, que desempenha o papel de compor, equilibrar e organizar sua essência, a qual colabora

para caracterizá-lo e diferenciá-lo de outros gêneros); 2) o conteúdo temático (condutor da comunicação discursiva, que está relacionado tanto a aspectos linguísticos/textuais quanto a aspectos enunciativos/discursivos; e 3) o estilo (eleição dos recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais da língua, apresentando-se como coletivo, já que é parte de um gênero sócio-historicamente construído, e, de igual modo, individual, já que é engendrado por indivíduos).

O autor sustenta a unidade entre esses elementos constituintes do gênero discursivo. Essa visão é corroborada por Ribeiro (2010), uma vez que, conforme a autora, os três pilares que constituem o gênero discursivo fundem-se, estão intimamente ligados, constituindo uma forma, a qual tem por objetivo proporcionar interação social. Dito isso, é importante destacar o que dizem Bakhtin e seu Círculo acerca das relações de sentido estabelecidas entre os enunciados, defendidos por eles como as unidades reais da comunicação, e, por conseguinte, entre os gêneros discursivos. Essas relações são denominadas **relações dialógicas**.

Para os teóricos do Círculo de Bakhtin, os indivíduos adquirem e fazem uso da língua/linguagem por meio da interação verbal com outros sujeitos, em um processo dialógico. De acordo com eles, a comunicação humana está na enunciação (na interação verbal entre sujeitos), cuja manifestação se dá por meio dos gêneros discursivos. Em suma, é por meio da natureza dialógica do discurso que noções como a de **gêneros do discurso** se mantêm transponíveis em meio à concentração e à pluralidade de linguagens e de textos (em suas múltiplas formas, espécies e tecnologias) que se manifestam na sociedade contemporânea.

Dado o exposto, entendemos que embora a propriedade multimodal dos textos/enunciados hodiernos não se aplicasse à época da produção teórica de Bakhtin e seu Círculo, considerando que as obras desse grupo datam do século XX, o olhar vanguardista deles já apontava a diversidade dos “tipos relativamente estáveis” de enunciados e os elementos técnicos de um texto, fato que consegue a proeza de embasar, no século XXI, as noções dos novos textos multimodais, assunto que trataremos na seção a seguir.

2. A LÍNGUA(GEM) NA SOCIEDADE HODIERNA: O UNIVERSO VIRTUAL E OS GÊNEROS DIGITAIS EMERGENTES

De acordo com Xavier (2009), a sociedade contemporânea tem lidado com uma tecnologia de linguagem nova, cuja assimilação de sentido não depende só das palavras, mas é

constituída, também, por outros elementos. Tudo isso figura-se em uma mesma superfície perceptual, formando, desse modo, um todo significativo e atribuindo, de maneira plurifacetada, sentidos aos usuários das plataformas digitais. Essa característica, advinda dos (novos, multi e múltiplos) letramentos, isto é, dos diferentes usos e práticas sociais da linguagem (ROJO, 2009), se mostra intrigante porque possibilita a concentração de diversos aportes sígnicos em uma mesma superfície de leitura. Diferente do **texto** clássico, entendido como “[...] manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal [...]” (KOCH, 1997, p. 22), o denominado por Xavier (2009) de **hipertexto** é, segundo ele, um texto “elástico” que se expande conforme as escolhas do leitor e que apresenta um modo digitalmente particular de enunciar e construir sentido. Mais do que isso, é um produto da *cibercultura*, que impõe à sociedade novas maneiras de se produzir e lidar com conhecimento, bem como de engendrar e recepcionar textos, e, conseqüentemente, de interagir na sociedade e produzir arte e cultura.

O hipertexto mudou substancialmente os modos de acessar informações e relacioná-las. Por meio dele, ler o mundo passou a ser algo que pode ser feito de forma virtual, uma vez que o fato de a materialidade não ser física, mas sim abstrata, a faz onipresente por viabilizar o seu acesso em qualquer lugar, a qualquer momento e por mais de um sujeito, tudo ao mesmo tempo. Com essa nova configuração textual, surgiram os “novos letramentos contemporâneos”, advindos e, conseqüentemente, dependentes das tecnologias digitais, que trouxeram novos desafios às teorias de texto e de gêneros do discurso, uma vez que, segundo Lemke (2010), quando discorremos acerca de esferas digitais de enunciação, precisamos considerar que textos sistematizam-se de maneiras novas nas hipermídias, fusionando multissemiticamente um heterogêneo e multifacetado conjunto de linguagens, e, não obstante, as novas práticas letradas, as quais seguem um novo *ethos* e novas mentalidades.

A propagação tecnológica tem deflagrado uma adesão intensa ao plano visual. De acordo com Cani e Coscarelli (2016, p. 15), “[...] as tecnologias digitais desempenham um papel importante, principalmente por seus apelos visuais e sonoros e pela pluralidade das informações que veiculam”. Nesse sentido, nas práticas de comunicação hodiernas, o espaço ocupado pela imagem amplia-se de forma vertiginosa. Os textos que circulam nos campos de atividade humana estão recheados de recursos visuais, tais como a escolha das cores utilizadas em determinado texto, o tipo, formato e tamanho das letras usadas, os *emojis*, os *GIFs*, as próprias

imagens, os vídeos etc., que atuam na construção de sentidos. Os usos de recursos comunicacionais distintos podem ser explicados pela **multimodalidade**, que, grosso modo, representa a realização do texto por meio de diferentes linguagens. De acordo com Van Leeuwen (2011), o uso combinado de textos verbais, imagens e sons, unidos aos eventos comunicativos, constituem a multimodalidade. Esse conceito está diametralmente ligado à semiótica, mais especificamente à semiótica social, uma vez que os textos multimodais são dotados de diferentes níveis semióticos. Nas mídias sociais digitais, a multimodalidade é basilar para a elaboração e recepção de enunciados e discursos, uma vez que esses recursos são ofertados aos seus usuários; assim, a constituição de sentidos se dá por meio deles, como veremos na seção de análise de dados do presente artigo.

Essas mudanças nas formas de enunciar geram, por consequência, uma outra mudança: o profuso surgimento de novos gêneros discursivos, os quais têm ganhado a nomenclatura de **gêneros digitais** por diversos autores. Dentre eles, podemos citar os comunicadores sociais Berto e Gonçalves (2011), que tomam os gêneros digitais enquanto concentrações comunicacionais que manipulam positivamente a propagação de informações e, para além disso, a interação entre os usuários das tecnologias hodiernas. Os gêneros discursivos digitais, assim como os que são veiculados em suportes físicos, possuem, segundo Gregol, Souza e Costa-Hübles (2020), duas dimensões emaranhadas: a dimensão social (isto é, sua parte extraverbal) e a dimensão verbal, a qual denominaremos, assim como os autores, de **verbo-visual**. Consideramos, seguindo as assertivas de Brait (2013), que as práticas de letramentos da contemporaneidade, como salientado anteriormente, estão circundadas pelos chamados **recursos multimodais** e pelas variadas e distintas semioses que se integram aos recursos de caráter estilístico-composicional, a fim de situar o tema e instituir a interação entre os usuários de uma determinada língua.

Tendo em vista o exposto e a nova era na qual estamos inseridos, a qual é chamada por Xavier (2009) de **tecnocracia**, para obtermos uma melhor visão sobre esses tópicos e, assim, compreendê-los nos tempos hodiernos, precisamos olhar para o *ciberespaço*, mais especificamente para um dos recursos mais utilizados pelos sujeitos atualmente: as redes sociais. Dito isso, vamos nos debruçar, neste artigo, sobre uma dessas mídias digitais, a saber, a rede social *Facebook* e, conseqüentemente, sobre o gênero digital emergente “*post de Facebook*”, que possui caráter multissemiótico variado, tem como suporte o ambiente virtual e

é moldado pelos internautas. Assim sendo, na seção a seguir, trataremos desse *website*, bem como da temática que decidimos abordar no trabalho, qual seja, o(s) movimento(s) feminista(s).

3. FACEBOOK, MILITÂNCIA E FEMINISMO: A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO “SER MULHER”

O *Facebook* é, de acordo com Correia e Moreira (2014), um *website* que conecta seus usuários através de perfis, páginas, grupos etc. Essa mídia digital — na qual os sujeitos comumente expõem as mais variadas informações sobre eles próprios e sobre assuntos de interesse geral, além de interligarem seus perfis aos de outros usuários —, no ano de 2020, conforme mostra uma matéria do Exame³, já contava com 2,5 bilhões de usuários mensais.

O supracitado *website* tem transformado rápida e substancialmente o modo como as pessoas se (inter)relacionam e (com)partilham dados e, para além disso, tem desconstruído a maneira de materializarmos discursos e, também, de recebermos discursos que são materializados e chegam até nós. Isso ocorre por conta de sua sempre (re)nova(da) forma de interação e, conseqüentemente, com os gêneros do discurso que emergiram/emergem no ambiente digital, que dita tendências todos os dias. Isso posto, enquanto rede social gratuita e de alto alcance, o *Facebook* tem facilitado a militância sobre as mais diversas problemáticas sociais, já que, nesse ambiente virtual específico, as pessoas se sentem livres para falar, em larga escala, a respeito de suas posições político-ideológicas. O capital social⁴ angariado a partir dessa exposição e do conseqüente engajamento que ela pode (ou não) gerar é capaz de viabilizar diálogos favoráveis e/ou contrários a esses posicionamentos, o que gera longas discussões, as quais podem ser muito positivas, se considerarmos um debate saudável das temáticas e problemáticas levantadas, ou muito negativas, se considerarmos a violência verbal que situações assim podem ocasionar.

Dito isso, um dos assuntos que sempre protagoniza um copioso número de postagens, as quais comumente geram calorosas discussões, é o feminismo, que pode ser definido, segundo Mendes, Vaz e Carvalho (2015), como um campo constituído fundamentalmente por mulheres,

³ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/facebook-encara-uma-batalha-judicial-que-pode-custar-9-bilhoes-de-dolares/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

⁴ A teoria do Capital Social advém das Ciências Sociais e é apropriada por Costa (2012), que afirma que a expressão corresponde, nas redes sociais on-line, o engajamento de um *post*, que pode ser mensurado a partir do volume de curtidas, compartilhamentos e comentários que uma publicação consegue angariar.

as quais reclamam os seus direitos e denunciam as desigualdades de etnia, classe e, substancialmente, de gênero, alicerçando o processo de formação de uma identidade feminina que tem como escopo a emancipação (tanto social quanto política) do **ser mulher**. Vale ressaltar que o surgimento desse movimento foi ocasionado pela luta contra as incontáveis opressões impostas à mulher ao longo da história.

De acordo com as autoras, a mulher foi representada na sociedade, durante muito tempo, como um sexo vulnerável, submisso e com um único papel: a reprodução. As discussões a respeito da noção de gênero biopsicossocial começaram a ganhar força no final do século XIX, viabilizando, por meio das contestações feitas pelo Feminismo Emancipacionista, a averiguação mais clara e precisa das discriminações contra a mulher que estavam em vigor. Ainda nesse período, conforme as estudiosas supracitadas, na Inglaterra, eclodiu o movimento *Women's Suffrage* (Mulheres Sufragistas), no qual um número significativo de mulheres manifestou-se em favor da garantia de seus direitos, principalmente o direito ao voto.

No Brasil, de acordo com Mendes, Vaz e Carvalho (2015), a primeira onda do feminismo também surgiu por meio do requerimento do direito da mulher ao voto, conquistado em nosso país em 1932. A luta pelo voto, no entanto, já havia começado muito tempo antes e o Brasil poderia ter sido a primeira nação do planeta a aprovar o sufrágio feminino. Em 1º de janeiro de 1891, 31 constituintes assinaram uma emenda ao projeto da Constituição, a qual conferia direito de voto à mulher. Tal emenda, no entanto, não foi aceita. Resumidamente, a ideia de mulheres atuando na esfera pública fora repelida por séculos em todo o globo e levaria décadas para que os direitos mais básicos das mulheres fossem obtidos, ainda que mais no papel do que na prática.

A partir do Movimento Sufragista, uma luta incessante foi travada, uma vez que, além do sufrágio, as mulheres buscavam, também, o direito à instrução educacional, trabalho assalariado e divórcio. Após o decreto 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que instituiu o voto feminino, as mulheres lutaram pela incorporação desse princípio à Constituição a ser elaborada, o que foi realizado por meio da inclusão do artigo 108 na constituição de 1934. Com essa conquista, o feminismo passou a ser considerado um movimento político/social que não dispensava o enfrentamento dos poderes públicos pela garantia de direitos e da igualdade entre os sexos.

Assim como nos Estados Unidos, como relatam Mendes, Vaz e Carvalho (2015), o feminismo perdeu a força, no Brasil, na década de 1930, e só voltou à ativa após trinta anos, na década de 1960, período que foi denominado de “segunda onda” do movimento feminista. Durante essa espécie de “pausa”, surgiu, no campo internacional, Simone de Beauvoir, grande feminista e filósofa francesa, e sua obra mais emblemática, intitulada **O Segundo Sexo** (1949), que propagou o que perdura até hoje como um dos lemas do feminismo: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Nessa época, no Brasil, diferentemente dos Estados Unidos e da Europa no geral, o cenário não estava acomodatório à construção de movimentos libertários, dada a conjuntura política da época, a saber, o longo período de repressão total (também conhecido como **Anos de Chumbo**), iniciado com o golpe militar de 1964, contra aqueles que, por algum motivo, se opunham ao regime. Isso fez com que os ativistas aderissem à clandestinidade e/ou se juntassem aos guerrilheiros.

Na década de 1970, muitas militantes, por conta das manifestações realizadas, foram exiladas, sobretudo na cidade de Paris, o que proporcionou a essas mulheres o contato com o feminismo europeu e, conseqüentemente, o calhar de uma permuta de experiências que trouxe muitos benefícios para o movimento no Brasil. A década de 1980, consoante Mendes, Vaz e Carvalho (2015), por conta da redemocratização do regime político no país, representou o momento de maior engajamento das mulheres na militância pela garantia de seus direitos.

Com o progresso do movimento feminista no Brasil, é possível enxergar as substanciais mudanças ocorridas nessa luta, até mesmo na composição dos grupos: nos anos iniciais, as associações eram majoritariamente homogêneas, formadas por mulheres brancas e pertencentes à classe média; nos dias atuais, entretanto, os coletivos são constituídos por diferentes setores da sociedade, o que mostra o resultado da longa e dura luta pelo empoderamento da mulher. As autoras supracitadas salientam, também, que, ao longo desse percurso, muitos direitos relacionados à cidadania feminina foram conquistados, mas, ainda assim, muitas das pautas defendidas pelo movimento desde a sua fase inicial continuam extremamente atuais. A violência contra a mulher, sobretudo a violência doméstica, persiste como um problema na sociedade hodierna; a descriminalização e legalização do aborto, o direito de possuir autonomia sobre o próprio corpo, sem interferência do Estado nas decisões sobre ele, seguem como tabus; a falta de representatividade das mulheres nos espaços cruciais da sociedade, a exemplo do âmbito político etc.; todas essas são pautas que precisam ser discutidas

e resolvidas, uma vez que são grandes os desafios dos indivíduos que seguem na peleja pelos direitos das mulheres. Daí a importância de se pesquisar sobre o funcionamento e impacto desse movimento na sociedade.

Por conta das questões supracitadas e das demandas existentes, o Movimento Feminista se divide, hoje, segundo Martinez (2018), em várias vertentes. Como exemplo, podemos citar: Feminismo Interseccional (que abraça as demandas de gênero juntamente com as de outras minorias, objetiva dar voz e alguma maneira de representação às idiosincrasias existentes no ser mulher e é mais liberal à participação masculina no movimento); Feminismo Radical (o qual coaduna da ideia de que as mulheres são subjugadas por causa de seus aparelhos reprodutivos e, conseqüentemente, de capacidade de reprodução, e se fraciona em outras várias vertentes, sendo que uma delas rechaça as mulheres transexuais de suas pautas); Feminismo Negro (o qual discute pautas como o extermínio da juventude negra e a intolerância às religiões de matrizes africanas); Transfeminismo (movimento auto-organizado que concorda, na prática, com quase todas as ideias dos feminismos cisgêneros e as legitimam em prol de políticas transexuais de emancipação); Feminismo Marxista (o qual defende que a opressão contra as mulheres é causada e só existe e subsiste associada ao capitalismo que, por si só, incita a opressão por intermédio da sociedade de classes); dentre outros.

Dado o exposto, apresentamos, a seguir, os procedimentos metodológicos por nós adotados para a realização deste trabalho.

4. O DELINEAMENTO DO TRABALHO: DESNUDANDO O HIPERTEXTO FACEBOOKIANO

Nesta seção, propomo-nos a delinear a trajetória metodológica que orientou a nossa investigação. Para tanto, apresentamos como ocorreu o processo de geração de dados, bem como os procedimentos utilizados para a seleção e obtenção do *corpus* que serviu para a análise e discussão do nosso trabalho.

O ambiente desta investigação foi o site de relacionamentos *Facebook*, haja vista que essa rede social possui grande alcance populacional, como salientado anteriormente, contando com uma gama de usuários e possibilitando a eles formas diversas de interação, o que contribui para o aparecimento de múltiplas e variadas práticas de linguagem. Foi feita uma minuciosa averiguação do ambiente virtual e da rede social em si, objetivando pormenorizar o(s)

contexto(s) de uso(s) do *Facebook*, as condições de possibilidade de interação com os sortidos recursos da plataforma e a interação discursiva.

No que diz respeito ao processo de geração de dados, o *corpus*⁵ foi construído por capturas de tela de exemplares de *posts* publicados em perfis de páginas/comunidades do *Facebook*. Para o presente artigo, foram selecionados três *posts*, os quais serão apresentados, na seção a seguir, em cinco figuras. Vale ressaltar que nos ativemos a *posts* que tematizavam, de algum modo, o(s) movimento(s) feminista(s) e que apresentavam a configuração de privacidade determinada como pública.

5. DESCORTINANDO O POST DE FACEBOOK: O(S) DISCURSO(S) FEMINISTA(S) NA WEB

Na presente seção, pormenorizamos a análise dos *posts* de *Facebook* que recortamos para este artigo, a fim de explicitar como a materialização do discurso ocorre nas mídias digitais, focalizando publicações que versem sobre o(s) feminismo(s) e/ou retratem lutas feministas. A partir disso, verificamos de quais recursos ofertados pela tecnologia digital usuários do *Facebook* lançam mão em suas publicações e como esses recursos foram basilares para a constituição do sentido dos *posts*.

Feita a consideração acima, o primeiro *post* que selecionamos foi retirado da página “Feminista porque sim”, a qual conta com mais de 190 mil curtidas e se dispõe a compartilhar informações em prol do movimento por meio de um conteúdo crítico e, ocasionalmente, humorístico. Confira, na figura abaixo, o *post* selecionado:

⁵ O *corpus* deste artigo adveio de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida pelos pesquisadores entre os anos de 2018 e 2019, com auxílio financeiro do CNPq através de bolsa de fomento. A pesquisa contou com um total de trinta *posts* de *Facebook* com temática feminista e anti-feminista.



Figura 1 – Post que indica uma série para os seguidores da página “Feminista porque sim”

Fonte: Página da **Feminista porque sim** no *Facebook*⁶.

Na postagem acima, publicada em julho de 2018, há duas capturas de tela de uma cena da série “The Handmaid’s Tale”, ambas legendadas. Na imagem, faz-se uma comparação entre o medo dos homens e das mulheres em relação ao sexo oposto: enquanto eles temem ser alvo de risadas, elas temem a morte. Isso se reflete estatisticamente: de acordo com o *site Exame*⁷, a taxa de feminicídio no Brasil é a 5ª maior do mundo.

Na descrição da foto — “Indicação de série: The Handmaids Tale (Via: Adoro Cinema)” —, nota-se uma referência à página “AdoroCinema”, especializada em críticas e notícias cinematográficas. A utilização desses enunciados breves, como o contido na legenda desta imagem, ocorre por conta da competição de um *post* com outros enunciados publicados no *Facebook*, levando em conta o alto número de publicações que chegam ao internauta de uma só vez. Assim, textos mais breves angariam mais capital social (alcançam um maior engajamento) do que os famosos **textões**. Ocorre que esse tipo de conteúdo funciona como um chamariz para outros *websites*, obras e perfis, uma vez que, na era digital, tudo está ainda mais conectado e, com poucos cliques, faz-se muito.

Aqui, o objetivo interacional é atingido a partir de duas imagens com frases curtas que levantam uma questão importante: a violência de gênero, muito presente na sociedade

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/feministapqsim/posts/1911753818887454>. Acesso em: 13 de jul. 2020.

⁷ Disponível em: <https://exame.com/brasil/taxa-de-femicidios-no-brasil-e-a-quinta-maior-do-mundo/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

brasileira, eminentemente patriarcal/machista e que segue vitimando muitas mulheres, sendo o feminicídio uma manifestação das relações de poder entre os gêneros. As frases são combinadas às imagens de Offred, personagem da série supracitada, que retrata a subjugação da mulher a partir de uma sociedade distópica, na qual o corpo das mulheres não é delas, mas existe para um fim específico, estabelecido pelos homens e aportado em severos papéis de gênero.

Além disso, na série, as mulheres são destituídas de suas rendas. Sem recurso financeiro algum, elas ficam desamparadas e são facilmente dominadas. Trazendo a discussão para a nossa sociedade, uma maneira de controlar as mulheres e preservá-las em posição inferiorizada é conservá-las fora do mercado de trabalho, limitadas ao ambiente doméstico e dependentes de um provisor. Muitas mulheres tornam-se acometíveis à violência quando são financeiramente dependentes de seus parceiros ou parentes homens, sem chance de libertarem-se, violência essa que pode resultar em feminicídio. Para além disso, notemos que o *post* contém quinhentos e dois compartilhamentos e oitenta e quatro comentários, alguns destes destacados abaixo:



Figura 2 – Alguns comentários referentes ao *post* contido na figura 1

Fonte: Página da **Feminista porque sim** no *Facebook*⁸.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/feministapqsim/posts/1911753818887454>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Na figura 2, notamos que o primeiro comentário, aparentemente escrito por um homem, vai de encontro à ideia do *post* e verbaliza uma opinião antifeminista, a qual tenciona descaracterizar a publicação e, conseqüentemente, o medo que as mulheres têm de serem vítimas de feminicídio, tentando culpá-las, de algum modo, por esses crimes. Esse é um fenômeno comum, já que a página, por permitir o acesso de todos, não se restringe a apenas um tipo de público (pessoas que compartilham a mesma apreciação valorativa a respeito do assunto). Logo, o embate de opiniões é inevitável, dada a quantidade expressiva de agentes dialógicos situados socio-historicamente e político-ideologicamente que utilizam essa rede social, o que se comprova com as “reações” a esse comentário, dentre as quais está o “Grr”, *emoji* laranja com expressão zangada, representando o aborrecimento de alguém com a opinião exposta.

Além disso, não podemos ignorar a existência de um recurso hipertextual presente no quarto comentário da imagem e que é deveras utilizado: trata-se de um *link*, que, nesse caso, é da plataforma de vídeos *YouTube*. Ao clicar nele, o usuário é redirecionado a um vídeo. O recurso, que não estava presente na descrição da imagem, fez-se evidente nos comentários, o que é bastante positivo/produtivo para a recepção textual, uma vez que, consoante Xavier (2009), quanto mais informação de qualidade o leitor tem acesso, maior é a possibilidade que ele tem de ponderar suas convicções, mesmo se encontrando sob a pressão dos vetores sócio-histórico-ideológicos.

Outro aspecto que chama a atenção no que diz respeito à materialização de enunciados no *Facebook* é a multimodalidade presente nos textos publicados nesta rede social. Uma ocorrência textual muito comum, por exemplo, é o hibridismo entre texto escrito e imagem, que, juntos, produzem um determinado efeito de sentido. Vejamos essa linguagem verbo-visual aparecendo no *post* abaixo, retirado da página “Feminismo Poético”, que conta com mais de 264 mil curtidas e se dispõe a tratar do feminismo combinando elementos linguísticos e estéticos.

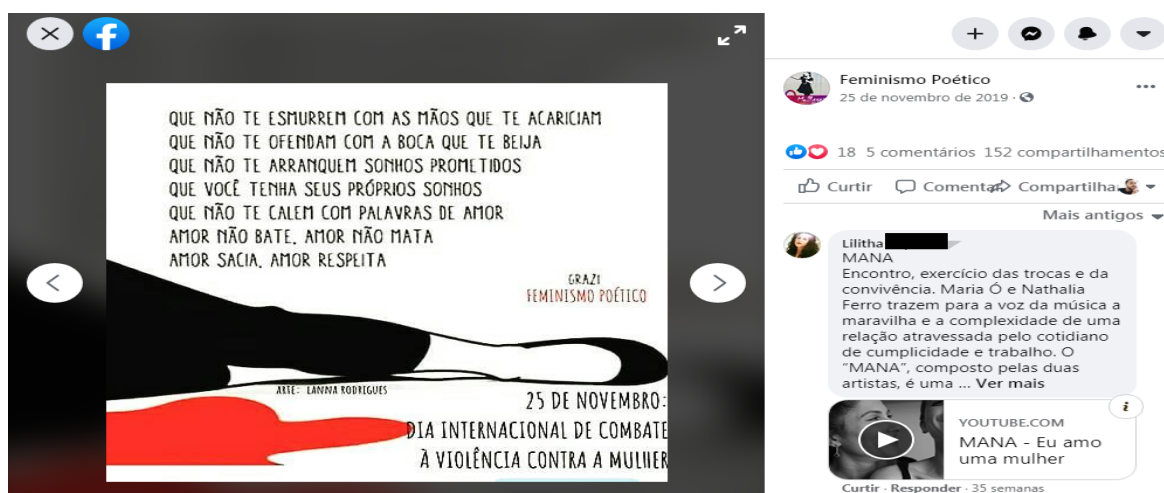


Figura 4 – Poema dedicado ao Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher
Fonte: Página do **Feminismo Poético** no *Facebook*⁹.

Na figura 4, é possível notar que o sentido é construído pela mesclagem da linguagem verbal com a visual, que se complementam. No enunciado em estudo, o gênero poesia é reportado para destacar o “Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher”. Isso é facilmente perceptível, uma vez que, no texto contido na imagem em questão, a emoção é sugerida a partir de um uso de linguagem no qual ritmos, sons e significados são combinados. Para além disso, a poesia também é visualmente perceptível, haja vista que todo o texto foi construído em versos, seguindo as diretrizes da estrutura composicional desse gênero. Não obstante, a figura mostra, também, o que parece ser uma mulher caída no chão, ao lado de uma mancha de sangue. A ilustração representaria, nesse caso, as mulheres que sofrem algum tipo de violência física; entretanto, a relação estabelecida entre o texto verbal e a imagem não é de legenda, mas, bem diferente disso, é de entranhamento, de uma resposta provocativa e diligente ao processo criativo. A produção de sentidos, portanto, é verbo-visual.

Partindo do pressuposto bakhtiniano de que os gêneros discursivos são “relativamente estáveis”, é possível afirmar que eles não são instrumentos engessados, mas podem sofrer alterações de acordo com a necessidade do agente da interação sociocomunicativa. Tais alterações ocorrem com muita frequência dentro do gênero *post* de *Facebook*: a depender da vontade discursiva e do objetivo interacional, são utilizadas combinações de imagens, vídeos, sons, *GIFs* etc. Vejamos, então, na figura a seguir, um exemplo dessa alteração ocorrendo no

⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/naosoupoetasoupoesia/photos/a.771616439526473/2661381550549943/>.

Acesso em: 03 ago. 2020.

gênero *post* de *Facebook* a partir de uma publicação da página “Arquivos Feministas”, que conta com mais de 495 mil curtidas e se propõe a ser uma espécie de “estante feminista”, expondo imagens, textos, notícias, humor e tudo mais que se correlaciona de alguma forma com o feminismo, o empoderamento e a resistência de mulheres.

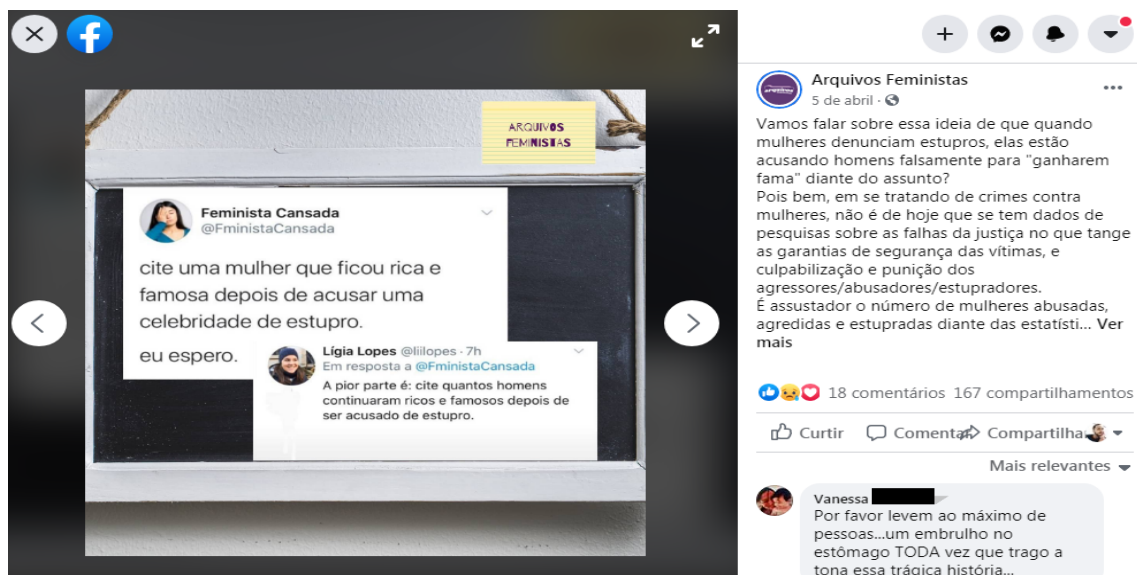


Figura 5 – *Post* criado a partir de capturas de tela de outra rede social

Fonte: Página de Arquivos Feministas no *Facebook*¹⁰.

Na figura 5, que trata da descredibilidade de denúncias de estupro feitas por mulheres, nota-se um *tweet* e uma *reply* (um comentário), ambos originalmente publicados no *Twitter*, suporte onde angariaram bastante capital social¹¹ (o *tweet* da esquerda recebeu cerca de 72 mil curtidas e mais de 19 mil compartilhamentos; já o *tweet* da direita recebeu 17 mil curtidas e quase 3 mil compartilhamentos), mas que foram compartilhados, também, no *Facebook*.

Aqui, vemos que uma das estratégias utilizadas para materializar um discurso em um *post* de *Facebook* é “importar” enunciados divulgados em outros suportes por meio das capturas de tela. O gênero *post* de *Facebook* apresenta uma intercalação justamente porque o ato de fazer uma publicação pode se concretizar através de enunciados de diferentes gêneros. Na postagem, fica explícito que o gênero *tweet* foi reportado, pois a forma composicional desse gênero é notável, além do recorte e da colação dos *prints* em uma moldura que lembra o quadro

¹⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/arquivosfeministas/photos/a.1642173866005878/2523546434535279>.

Acesso em: 28 jun. 2020.

¹¹ Verificamos o alcance dos *tweets* em questão na própria rede social *Twitter*.

negro e que marca a página “Arquivos Feministas” como responsável pela reelaboração da postagem. Desse modo, a ação de postar é sustentada por enunciados de diferentes tipos e forma(to)s, mas que se mostraram relevantes no que diz respeito ao tema discutido. Assim, como mostram Gregol, Souza e Costa-Hübles (2020), a página, por meio de outros textos-enunciados, elabora seus novos textos-enunciados e, feita a postagem, eles se reconfiguram e manifestam as atitudes valorativas que lhe são conferidas pelo contexto atual.

A publicação em análise nos mostra que, em relação aos objetivos interacionais, os *tweets* funcionam como chamarizes para uma discussão muito maior, a qual é provocada pela legenda da imagem: a cultura do estupro, que está arraigada em nossa sociedade e é fruto do patriarcado. Mais especificamente, a discussão é sobre o costume que existe de se acusar as mulheres que sofreram estupro de falso testemunho e/ou culpabilizar a vítima. Isso é consequência do machismo estrutural, que faz as pessoas questionarem a vítima a respeito do que ela vestia, por onde/a que horas andava, o que/quanto ingeriu bebidas alcoólicas, seu “comportamento” em sociedade etc., como se isso influenciasse a prática do crime; além de justificarem a conduta hedionda do agressor como algo de sua “natureza”, que se dá porque o estuprador não tem como controlar-se, o que diminui a responsabilidade do criminoso no ato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste artigo, notamos que os usuários do *Facebook* se acomodam aos parâmetros estruturais do *website*, que orientam, até certo ponto, a comunicação discursiva. Essa acomodação ocorre nos moldes dos recursos que o *Facebook* oferta ao seu usuário quando este resolve fazer uma publicação ou interagir com alguma postagem. Nos *posts* analisados, vimos que o verbo-visual é intrínseco ao *Facebook* e que os autores elegem esses recursos de natureza estilístico-composicional, com o objetivo de realizar sua vontade discursiva e seu objetivo interacional. Isso mostra que existe uma multiplicidade de gêneros/formas/transformações textuais dentro dessa rede social. Essa complexidade do(s) gênero(s) discursivo(s) é o que promove a interação dos sujeitos, uma vez que são os próprios indivíduos que provocam as mudanças desses gêneros de acordo com seus interesses.

É importante destacar, ainda, que pelo fato de a dimensão verbo-visual dos discursos enunciados nos *posts* de *Facebook* ser bastante diversificada e híbrida, faz-se indispensável que seus usuários tenham um bom nível de letramento digital para produzirem publicações, bem

como para interagir com elas. Do contrário, os objetivos interacionais das postagens são seriamente prejudicados, uma vez que, se o usuário não conta com o conhecimento necessário para interpretar essas interfaces, a constituição dos (efeitos de) sentidos é afetada, dificultando a compreensão dos seus leitores. Além disso, a dimensão verbo-visual conversa com a dimensão social dos discursos, sendo estes demarcados por questões espaço-temporais e sócio-histórico-ideológicas. Logo, o sujeito enunciador e o sujeito receptor precisam estar atentos a isso para que haja apreensão de sentidos.

Olhando para o *Facebook*, pudemos ver os potenciais que a esfera digital oferece à comunicação social como um todo. Dito isso, analisar a forma através da qual o processo enunciativo se forma nesses novos moldes comunicacionais e quais mecanismos auxiliam no mantimento e aperfeiçoamento do diálogo social sempre será algo necessário e produtivo.

Não obstante, vimos, ainda, que, graças ao Movimento Feminista, a mulher avançou substancialmente no que tange à equidade de gênero. Ao longo do tempo, houve uma conscientização da importância de sua participação nas lutas coletivas dos processos mobilizatórios em prol da denúncia de uma realidade desigual, que se faz(ia) presente no âmbito das classes, gênero e etnia, mas ainda há muito a ser dito e a ser feito.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Baum, Christina. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERTO, M; GONCALVEZ, E. Diálogos online: intersemioses do gênero Facebook. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife, PE. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife/PE: Companhia Editora de Pernambuco - CePe, v. 34. p. 289-289, 2011.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8 n. 2 p. 43-66, 2013.

CANI, J. B.; COSCARELLI, C. V. Textos multimodais como objetos de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (orgs.) **Multiletramentos e**

multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, v. 14, n. 28, p. 168-187, jan./jun. 2014.

COSTA, S. M. **Tweet:** reelaboração de gêneros em 140 caracteres. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.

GREGOL, F. A.; BILHAR, T. F.; COSTA-HÜBES, T. C. O gênero multimodal 'Post em Facebook' e suas configurações no ideário do Círculo de Bakhtin. **REVISTA EDUCAÇÃO E LINGUAGENS**, v. 9, p. 371-386, 2020.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo, Contexto, 1997.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 49, n. 2, s/p, 2010.

MARTINEZ, F. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, (56), 2019, p. 1-34.

MENDES, R. S.; VAZ, B. J. O.; CARVALHO, A. F. O Movimento Feminista e a Luta pelo Empoderamento da Mulher. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero & Direito (UFPB)**, v. 1, p. 88-99, 2015.

RIBEIRO, P. B. Funcionamento do gênero do discurso. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, n.3, p.54-67, 2010.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. In: SIMPSON, J. **The routledge handbook of applied linguistics**, London, New York: Routledge, 2011, p. 668-682.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas e construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 207-220.



FILIFE SANTOS GUERRA

Mestrando em Linguística - com ênfase em Linguística de Texto - pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2020-2022), sendo bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e atuando no projeto temático 'A Escrita do Texto como Processo'. Graduado no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas (Português e Respectivas Literaturas) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2019). Desenvolve pesquisa na área de Linguística de Texto, sendo membro e tendo sido bolsista de iniciação científica (IC - CNPq) do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem). Dedicar-se, principalmente, aos seguintes temas: gêneros do discurso, (hiper)texto, dialogismo, escrita de militância, discurso LGBTQIA+ e letramento digital. Tem experiência, também, em Linguística Aplicada, investigando a produção textual no ensino básico.

MÁRCIA HELENA DE MELO PEREIRA

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, onde também realizou o curso de mestrado em Linguística Aplicada. Atualmente, é professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista, atuando na área de Linguística de Texto. Desenvolve, atualmente, projeto de pesquisa sobre processo de construção de textos, gênese de textos, relação entre estilo individual e estilo de gênero, gêneros digitais, crítica genética, autoria e ensino de texto.

Recebido em 24/fevereiro/2021 - Aceito em 24/junho/2021